

Cinema



Escolas na passarela e meninos abandonados: dois dos temas mais focalizados nas televisões estrangeiras

Brasil com Z No foco das lentes estrangeiras

Wilson Cunha

MENORES abandonados, Amazônia desequilibrada, religião e carnaval: a reside o maior interesse do jornalismo estrangeiro, se vale o balanço geral a partir da programação da mostra Brasil com Z — que se inicia hoje no Centro Empresarial Rio. Em cartaz até domingo, dividida em dois programas diários com exibição alternada às 18h, 20h e 22h, com um total de cerca de 28 horas, a mostra abriga produções realizadas para as TVs inglesa, americana, japonesa ou norueguesa.

O título, excelente, Brasil com Z, sugere uma visão reveladora de tais vertentes mas, mergulhando nas águas do Amazonas, sambando na passarela (ou acompanhando o desfile desde o Vidigal, por exemplo), percorrendo as ruas das grandes cidades, os jornalistas estrangeiros não têm qualquer visão nova a acrescentar a problemas que já foram até classificados de crônicos.

Com certa ironia, por exemplo, **The Buck Stops Here**, realizado por R. Loevy para a WGBH dos EUA, fala, durante 29 minutos, sobre o endividamento brasileiro. Alternando a seqüência musical **Money de Cabaret** (com Liza Minnelli e Joel Grey) à sua narrativa, Grey estabelece o paradoxo de um endividamento que deveria ter gerado riqueza sendo fonte de pobreza mas o paradoxo maior deste programa talvez esteja na presença de Mario Gamero — então liderando investimentos estrangeiros, recebendo Gerald Ford...

Em **Brasil Divorce**, de Joe Decola, para a NBC com 15 minutos, um dos poucos exageros "colonialistas". Ali declara-se que o Brasil é uma sociedade machista onde se "acredita que o marido tem o direito de matar" em defesa de sua honra. Houve casos, sabe-se, mas também não é assim. Já em **As Tempestades da Amazônia**, de Adrian Cowell, para a Central TV/Universidade Católica de Goiás, 25 minutos, tem-se um bem documentado trabalho sobre o ecossistema amazônico e os problemas decorrentes do desmatamento. Também sem maiores ironias, ou exageros, no alemão **Maerchen Aus Rio** — de 1985, em 50 minutos — fala-se sobre a Hollywood eletrônica (TV Globo) e a fantasia e realidade do povo — vistas pelas lentes das câmaras do canal 11. A gente sabe, não?

Com bela produção, muito entusiasmo e esforço a NHK do Japão, em 50 minutos e 1978, realizou um documentário sobre **Pororoca of the Amazon** — "a primeira vez no mundo", diz-se, "que se filma a pororoca". Em **We Are Mehinaku** (em 55 minutos e 1974), Carlos Passini levou suas câmaras ao Parque Nacional do Xingu e, ali, o desalento indígena é total. Um problema que continua no noticiário dos jornais.

Amazon Gold: em outros 50 minutos, saíra de 1985. Bob Saunders retrata a jornada de Serra Pelada. Um épico, com direito a declarações do Major Cunú, onde a mais profunda miséria e a total possibilidade de riqueza convivem lado a lado — espécie de síntese da própria realidade nacional. Como a esta altura qualquer criança sabe mesmo que esteja entre as **Abandoned Children** (de Tom Roberts, BBC, 13 minutos em 1984) ou as **Children of January** (de Peter Trueman para a Unicef, 45 minutos, 1982). As contradições nacionais, na realidade, são um prato feito. Um povo pacífico, por exemplo, pode se transformar em grande fabricante de armas? A resposta é positiva, fato corrente e transformado em 15 minutos de programa, em 1983, por Joe Di Cola: **Brazil Arms** onde se informa "Não julgamos nem interferimos nos problemas internos dos outros." Ou seja, à exceção de Cuba e África do Sul, por motivos diversos, vale tudo. Em religião pode não valer tudo mas as fronteiras são bem amplas. Em **From The Procession of the Saint to the Black Magic** (de Per-Erik Borge para a NRK/Noruega em 20 minutos e 1982) ou **Ist Jesus Oxalá?** (de Klaus Eckstein, Alemanha Ocidental, 30 minutos, 1985) tem-se a visita do Papa, o Vale do Amanhecer de Tia Nieva, depoimento de Jorge Amado — entre o que faz a cultura nacional.

Uma surpresa, se não pela originalidade, pela personalidade: Germaine Greer e **The São Francisco**. Escritora (**A Mulher Eunuco**), feminista, com certa dose ora de serena indignação diante da pobreza, de genuína admiração diante do trópico (um gomo de jaca que se lhe escorrega por entre os dedos, por exemplo, ou o pedido de uma poção que faça o marido voltar "pois ele fugiu com outra"), Germaine Greer — durante 50 minutos em 83 para a BBC — conduz bela viagem em uma gaiola pelas águas do Rio São Francisco. São imagens com grande senso estético e aqui se tem verdadeira síntese dos problemas que formam esta mostra: às margens do São Francisco desfilam a mortalidade infantil, o misticismo, as mudanças climáticas geradas pelas modificações no ecossistema.

Uma surpresa, afinal, pelo inusitado da situação. Com **Brazil: Cinema, Sex and the Generals**, Simon Hartog (Central TV/Inglaterra, 50 minutos, 1985) realiza um documentário sobre o cinema brasileiro. Com depoimentos do crítico José Carlos Avellar, cineastas Ana Carolina, Carlos Reinhebach e Carlos Alberto Prates Correia fazendo colocações seguras (e tranquilas) sobre a sobrevivência do cinema durante um regime adverso, este documento teve sua exibição proibida na Inglaterra duas horas antes de ir para o ar. Mas, como poderá ser comprovado nesta quinta-feira, a censura inglesa também tem razões... É absolutamente impossível descobrir porque **Cinema, Sex and The Generals** foi cassado. De provocante, e provocativo, só o título.

Ao apagarem-se as luzes da organização chegou um reforço francês. Assim, em boa hora foi retirada da mostra, por exemplo, o bobo **Kings For a Day**, visado australiano de 57 minutos do carnaval. Mas a festa continua em **Carnival in Rio** (de Per-Erik Borge, NRK/Noruega, 1983, 40 minutos). E, sem festa, denso, denunciatório, em coprodução com a Societé Radio Canadá o cineasta brasileiro Geraldo Sarno realizou em 1984 e 55 minutos, um contundente documentário: **A Terra Queima** sobre a seca nordestina — Um dos mais eficientes da mostra. No caso, Brasil assim com s mesmo.



The São Francisco. Escritora (A Mulher Eunuco), feminista, com certa dose ora de serena indignação...

Jornada da Bahia Por um mundo mais humano

Vitor Hugo Soares

SALVADOR — Para abrir a XIV Jornada de Cinema da Bahia, hoje, o Ministro da Cultura, Alcino Pimenta, virá a esta capital pela primeira vez desde que assumiu o cargo. Esta é apenas uma das evidências de que a Jornada — a partir de sua abertura no summao e tradicional Hotel da Bahia — exibirá finalmente, este ano, pompa e glória imitadas depois de quase uma década e meia de maldição oficial por seu caráter político e contestador.

Com quase 200 filmes e vídeos nacionais e estrangeiros inscritos em concurso e em várias mostras paralelas, a XIV Jornada ocupará nada menos de cinco espaços culturais e de lazer da cidade, trará dezenas dos mais importantes realizadores e produtores do chamado cinema independente do Brasil e de vários países como Cuba, México, Peru, Nicarágua, Estados Unidos, França e Itália. E, pela primeira vez na história da mostra, a programação irá ao público sem ter sofrido nenhum tipo de censura oficial. Isso significa, sem dúvida, avanço considerável para um evento cinematográfico que quase sempre foi mantido nos limites da marginalidade. Quando foi promovido pela primeira vez, em 1972, como **Jornada Baiana de Curta-Metragem**, teve apenas 9 filmes inscritos. Na época, lembra Guido Araújo, "o cinema brasileiro vivia um de seus momentos mais difíceis, predominando então a qualidade sofrível das produções, a censura, o menosprezo das autoridades governamentais em relação a um evento sem as frivolidades típicas dos festivais, crítico, contestador".

Para sobreviver, a Jornada precisou até fugir de Salvador. Primeiro para João Pessoa e, depois, para a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, até poder retornar este ano à sua origem. Mas, durante 14 anos ininterruptos, "a Jornada da Bahia promoveu o encontro do cinema documental, independente e criativo, em anos de insuperável obscurantismo, exigindo a atividade cinematográfica ao promover o debate, organizar as entidades, afirmar raízes e identidade cultural", conforme destaca a moção de apoio a XIV Jornada de Cinema da Bahia, assinada por documentaristas de associações de oito estados do país.

"Foi nas jornadas de Salvador que o cinema independente brasileiro conquistou alguns de seus triunfos mais expressivos dos últimos anos, alcançando sua afirmação através de importantes conquistas no âmbito profissional, e da riqueza de possibilidades criativas que se espelham em sua numerosa produção", acrescenta o crítico parabaiano, Brasília Tavares, pioneiro e um dos principais incentivadores da Jornada. Mas o espírito inquieto da Mostra vai prosseguir no ambiente de ar mais oxigenado que o país e o cinema respiram hoje, avisa Guido Araújo. Mantendo-se fiel ao lema "por um mundo mais humano", para os filmes que exibem em concurso e programas paralelos, a Jornada abre-se agora para novos desafios, buscando ligações mais estreitas com os países do terceiro mundo e do amplo mercado de produção e exibição que eles representam.

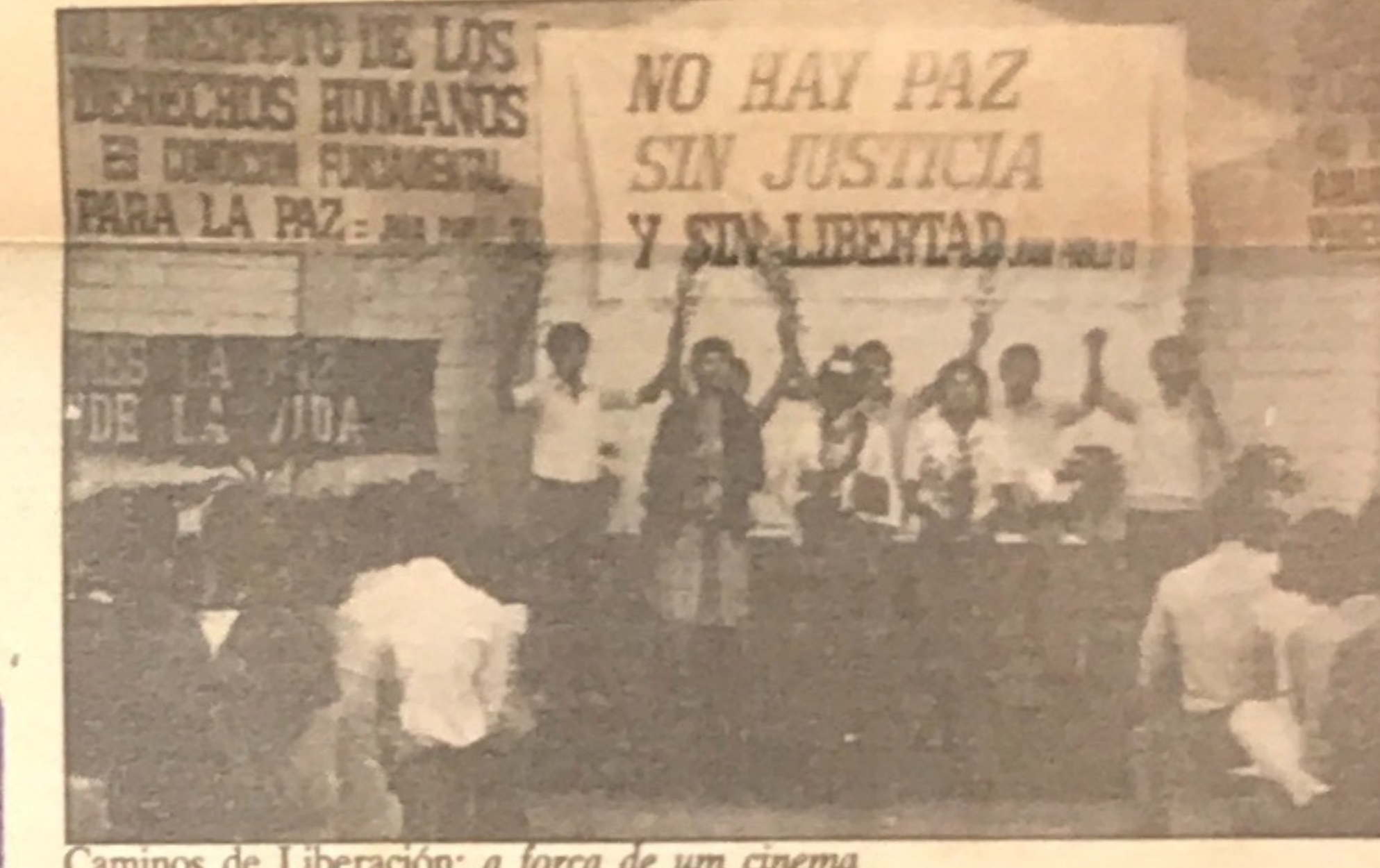
Assim, a XIV Jornada de Cinema da Bahia elegeu como principal centro de sua atenção, a viabilização do mercado para o filme e, principalmente, para o vídeo independente. "A meta fundamental da Jornada é a definição de estratégia de ação, com o envolvimento de todos os setores ligados à veiculação do produto cinematográfico, que leve efetivamente à consolidação desse mercado alternativo que, inclusive, vem funcionando de forma incipiente, embora recente imenso potencial a ser explorado em benefício do cinema nacional", diz o cineasta Guido Araújo.

Após a abertura oficial pelo Ministro da Cultura, a Jornada exibirá como primeiro filme o documentário **Povo da lua, Povo de sangue**, de Marcelo Kassara. Em seguida, ainda hoje será feita uma exibição especial do filme **Bahia de Todos os Santos**, de Trigueirinho Neto, lançado há 25 anos e que foi totalmente restaurado pela Cinemateca Brasileira de São Paulo. Mais de 90 filmes e vídeos inéditos foram selecionados para disputar a premiação da Jornada deste ano.

Entre as várias mostras paralelas, sempre acompanhadas de debates, merecem destaque a retrospectiva sobre o documentário político latino-americano; Nicarágua: um cinema em estado de alerta; uma retrospectiva de filmes de animação; e a mostra Cuba: um Cinema revolucionário. Realizadores como Paul Leduc (México Insurgente), Carlos Alvarez, da Colômbia, Jesus Diaz, de Cuba, Euzham Pally, da Martinica, realizador do filme **A Rua dos Barracos Escuros**, premiado em Veneza, entre as presenças na XIV jornada de cinema da Bahia.



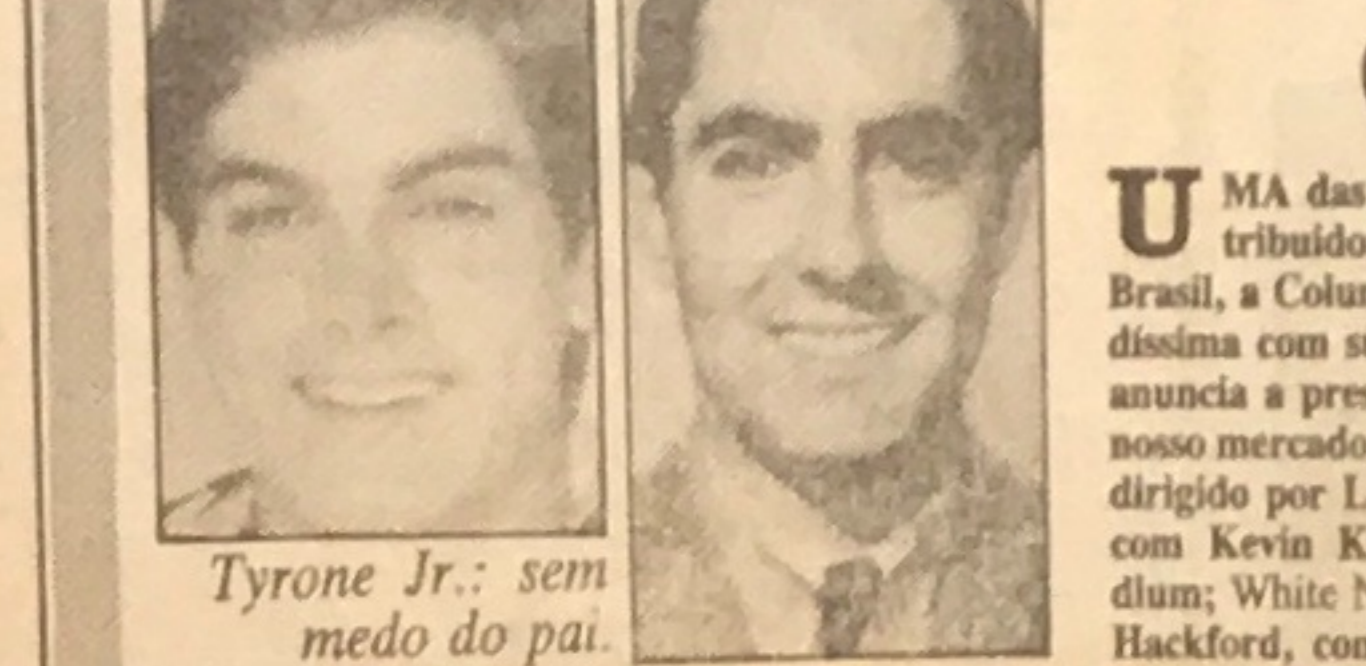
A balada das dez bailarinas do Casino



Caminos de Liberación: a força de um cinema

Trailer / Wilson Cunha

ELES, Tahnee Welch — filha de Raquel — e Tyrone Power Jr. — filho de Tyrone — estão entre aqueles que não temem o fantasma da comparação. "Mamãe sempre me incentivou," afirma sorridente, Tahnee. Já Ty Jr. não pode dizer o mesmo. Sem conhecer o pai, que morreu quando ele era criança, Ty, pelo menos, não terá de lutar para impor seu talento dramático. Eficiente no manejo, por exemplo, da capa e espada, o antigo astro sempre pretendeu se firmar como ator e não astro. O patriarca do clã — Tyrone Sr. era exatamente isso: um ator e não astro. "Será o que pintar," afirma o mais esperto dos Power. É a força da análise. E, não por coincidência, Tahnee Welch e Tyrone Power Jr estão juntos em **Cocoon**. Onde se fala de elixir da juventude.



Tahnee: a força da mãe. Tyrone Jr.: sem medo do pai.



A "família" de Loucademia 2: por uma graça perdida.

Missão fracassada

NOS bancos escolares, aqueles cadetes de polícia até que eram razoavelmente divertidos. Cada qual com uma particularidade formavam um grupo de nerds que, com o desenrolar das situações, conseguia diplomar-se apesar dos pesares. Embora não chegasse a ser um bom filme, **Loucademia de Polícia 2** cumpria sua missão básica: proporcionava algumas gargalhadas. Os rapazes, mais a garota Laverne Hooks (Marion Ramsey), de voz fina, entretanto, não estavam preparados para ir à vida. Como se suspeitava e como fica claro em **Loucademia de Polícia 2: Primeira Missão**. Deserdados de seus criadores originais, Neal Israel e Pat Proft — que foram tratar de **Trânsito Muito Louco** a ser exibido na Mostra 65 Anos da Fox — os cadetes perderam toda a graça tornando-se apenas aquele bando de americanos que se tomam por seres muito divertidos. Estruturado na forma de sketches como qualquer mau programa humorístico de TV, mal dirigido e pessimamente interpretado, **Loucademia de Polícia 2** não justifica qualquer tipo de atenção. Não passa de um destes inaceitáveis desperdícios de intelectualidade e uma terrível perda de tempo para os desavisados que passaram por suas roletas.

O que pinta

UMA das mais ativas distribuidoras em ação no Brasil, a Columbia está animadíssima com sua nova safra. E anuncia a presença, breve, em nosso mercado, de **Silverado** — dirigido por Lawrence Kasdan com Kevin Kline e Jeff Goldblum; **White Nights**, de Taylor Hackford, com Mikail Barishnikov e Isabella Rossellini; **Agnes de Deus**, versão cinematográfica da conhecida peça, com Jane Fonda e Anne Bancroft; **Jagged Edge** com Jeff Bridges e Glenn Close, mais o filme de terror **Fright Night** — cuja trilha sonora é um dos maiores hits no mercado americano. É só esperar.

LINHA GERAL

- Com Denise Bandeira, Rômulo Marinho Jr., Maria Padilha e Miguel Falabella, **Vento Sul** conhece as telas estrangeiras antes das nacionais: realizado por José Frazão, o filme abre hoje o Festival de Reina em Royen, França. Pela primeira vez se trata da questão do uso de agrotóxicos.
- A Warner Bros. promove nos EUA um tributo a James Dean, cujo falecimento ocorreu a 30 de setembro de 1955, com a exibição de **Juventude Transviada/Rebel Without a Cause e Vidas Amargas/East of Eden**. Nos EUA. E aqui?
- Toshiro Mifune, no Festival de Montreal, considerado o membro do júri que mais vai ao cinema. Da velha escola...
- Já Bette Davis continua sendo vista na Ponte Aérea Los Angeles—Nova Iorque. Voando que só ela.
- De Oslo se informa que **O Beijo da Mulher Aranha** ganhou o 1º Prêmio do Festival Internacional de Cinema da Noruega. Boa.
- Farrah-Fawcett, esqueceram da moça?, está liderando o elenco de **Extremities**, em filmagem em Nova Iorque, versão cinematográfica da peça de Bill Mastrosimone apresentada no Brasil sob o título de **Extremes**. Carlos Eduardo Dolabella e Pepita Rodrigues no elenco Curioso: Bill ficou com o papel masculino.
- A extraordinária atriz Ruth Gordon, falecida recentemente aos 88 anos, poderá ter um de seus melhores trabalhos revistos: **O Bebê de Rosemary**. Na TV e dublada. Entre o ideal e o possível, sempre resta o possível. Aos demais, indicam-se os clubes de vídeo...
- Briga de foíce nas bilheterias parisienses: Alain Delon azeitou seus revólveres e desbancou Clint Eastwood. **Parole De Flic** botou **Pale Rider** em 2º lugar no ranking francês. Logo atrás, **The Emerald Forest**, do inglês John Boorman, filmado no Brasil.



Farah: voltando.

- Três filmes falados em Euskera sendo realizados pelos bascos. Já está pronto **Amaseigarren aitzenez**. Deu pra sacar?
- Os alemães já estão curtindo a idéia: **Ginger e Fred**, de Federico Fellini, será lançado em Munique em janeiro. E aqui?
- Estourando o álbum com a trilha sonora de **Areias Escaldantes** de Francisco de Paula, com estreia prevista no Rio e São Paulo para o dia 26. No elenco, Regina Casé, Cristina Aché, Lobão, Luiz Fernando Guimarães. A produção anuncia que "não se trata de um filme de rock mas de um filme-rick. Bye-bye Bossa Nova". Então, tá.
- Glenn Ford visto novamente na ponte-aérea Nova Iorque—Los Angeles. Eles estão voando, voando, voando...
- Puccini: a vida, os amores, a paixão... a música. Assim se anuncia, na Itália, o início das filmagens, de Puccini. Com Plácido Domingo, em abril de 86...
- 100 anos de Aliança Francesa no Rio. Para comemorar a data, durante este mês, seminário sobre cinema e literatura, sempre às terças-feiras, às 20h. Entre os filmes em projeção, **Macunaíma**, **São Bernardo**, **Menino de Engenho**. Participação de Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Orlando Senna. Informações: Aliança de Copacabana (tel.: 541-9497)
- Stefánia Sandrelli nas mãos de Carlo Lizzani. O resultado é **Mamma Ebe**. Há quem goste. E muito.
- E Os Deuses? A idolatria da velha garrafinha de Coca continua rendendo os tubos em Nova Iorque: 135 mil dólares na semana passada. É o desperdício do Primeiro Mundo.
- Arnold Schwarzenegger querendo atrapalhar a vida da velha guarda. Foi visto na fila da Ponte. Mas só entrou depois de Bette Davis. Respeito é bom...
- Começam este mês em São Paulo as filmagens de **A História de Tere** — primeiro longa de ficção de Sérgio Toledo. Direção de Arte de Naum Alves de Souza.



Rui: lembrando Leon: debatendo.

Brasil com Z

No foco das lentes estrangeiras

Wilson Cunha

MENORES abandonados, Amazônia desequilibrada, religião e carnaval: aí reside o maior interesse do jornalismo estrangeiro, se vale o balanço geral a partir da programação da mostra **Brasil com Z** — que se inicia hoje no Centro Empresarial Rio. Em cartaz até domingo, dividida em dois programas diários com exibição alternada às 18h, 20h e 22h, com um total de cerca de 28 horas, a mostra abriga produções realizadas para as TVs inglesa, americana, japonesa ou norueguesa.

O título, excelente, **Brasil com Z**, sugere uma visão reveladora de tais vertentes mas, mergulhando nas águas do Amazonas, sambando na passarela (ou acompanhando o desfile desde o Vidigal, por exemplo), percorrendo as ruas das grandes cidades, os jornalistas estrangeiros não têm qualquer visão nova a acrescentar a problemas que já foram até classificados de crônicos.

Com certa ironia, por exemplo, **The Buck Stops Here**, realizado por R. Loevy para a WGBH dos EUA, fala, durante 29 minutos, sobre o endividamento brasileiro. Alternando a seqüência musical **Money de Cabaret** (com Liza Minnelli e Joel Grey) à sua narrativa, Grey estabelece o paradoxo de um endividamento que deveria ter gerado riqueza sendo fonte de pobreza mas o paradoxo maior deste programa talvez esteja na presença de Mario Garnero — então liderando investimentos estrangeiros, recebendo Gerald Ford...

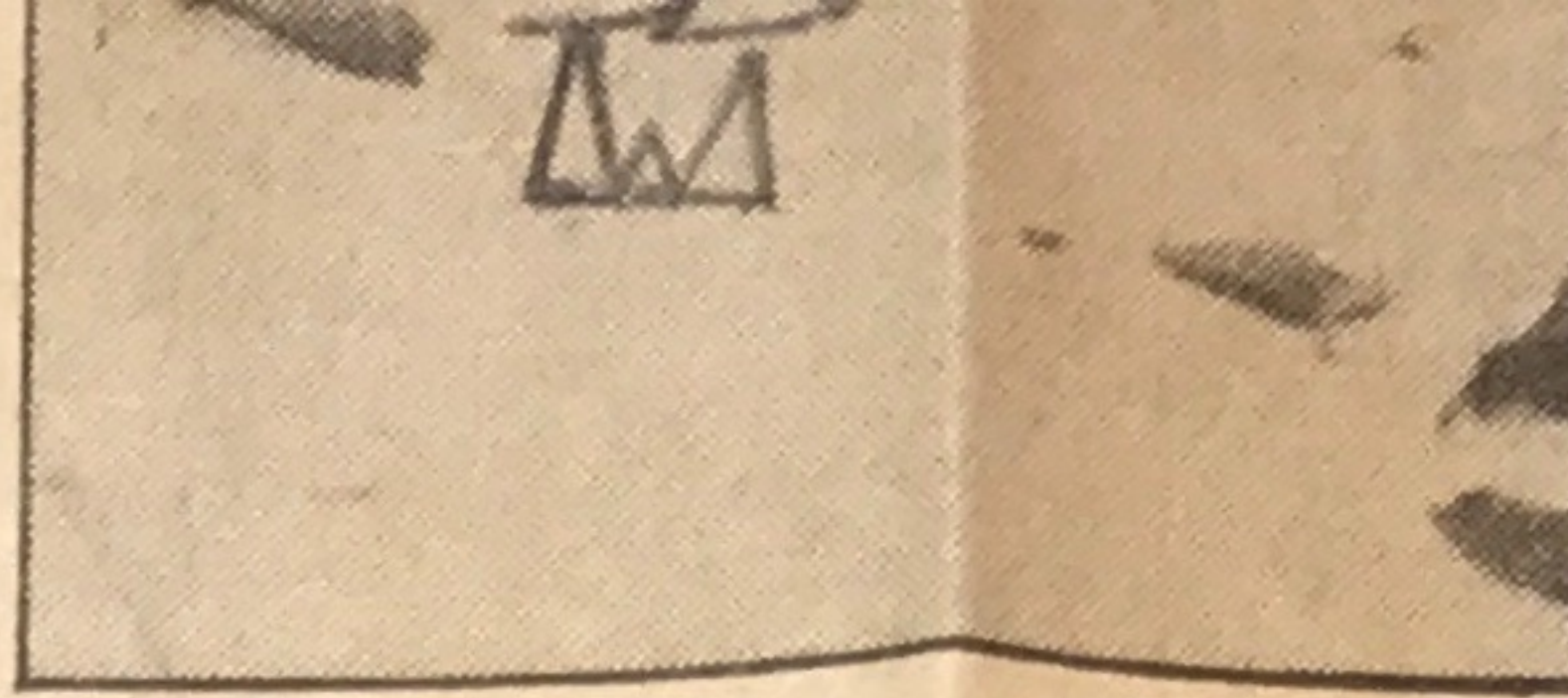
Em **Brazil Divorce**, de Joe Decola, para a NBC com 15 minutos, um dos poucos exageros "colonialistas". Ali declara-se que o Brasil é uma sociedade machista onde se "acredita que o marido tem o direito de matar" em defesa de sua honra. Houve casos, sabe-se, mas também não é assim. Já em **As Tempestades da Amazônia**, de Adrian Cowell, para a Central TV/Universidade Católica de Goiás, 25 minutos, tem-se um bem documentado trabalho sobre o ecossistema amazônico e os problemas decorrentes

do desmatamento. Também sem maiores ironias, ou exageros, no alemão **Maerchen Aus Rio** — de 1985, em 50 minutos — fala-se sobre a Hollywood eletrônica (TV Globo) e a fantasia e realidade do povo — vistas pelas lentes das câmaras do canal 11. A gente sabe, não?

Com bela produção, muito entusiasmo e esforço a NHK do Japão, em 50 minutos e 1978, realizou um documentário sobre **Pororoca of the Amazon** — "a primeira vez no mundo", diz-se, "que se filma a pororoca". Em **We Are Mehinaku** (em 55 minutos e 1974), Carlos Passini levou suas câmaras ao Parque Nacional do Xingu e, ali, o desalento indígena é total. Um problema que continua no noticiário dos jornais.

Amazon Gold: em outros 50 minutos, safra de 1985, Bob Saunders retrata a jornada de Serra Pelada. Um épico, com direito a declarações do Major Curió, onde a mais profunda miséria e a total possibilidade de riqueza convivem lado a lado — espécie de síntese da própria realidade nacional. Como a esta altura qualquer criança sabe mesmo que esteja entre as **Abandoned Children** (de Tom Roberts, BBC, 13 minutos em 1984) ou as **Children of January** (de Peter Trueman para a Unicef, 45 minutos, 1982). As contradições nacionais, na realidade, são um prato feito. Um povo pacífico, por exemplo, pode se transformar em grande fabricante de armas? A resposta é positiva, fato corrente e transformado em 15 minutos de programa, em 1983, por Joe Di Cola: **Brazil Arms** onde se informa "Não julgamos nem interferimos nos problemas internos dos outros." Ou seja, à exceção de Cuba e África do Sul, por motivos diversos, vale tudo. Em religião pode não valer tudo mas as fronteiras são bem amplas. Em **From The Procession of the Saint to the Black Magic** (de Per-Erik Borge para a NRK/Noruega em 20 minutos e 1982) ou **Ist Jesus Oxalá?** (de Klaus Eckstein, Alemanha Ocidental, 30 minutos, 1985) tem-se a visita do Papa, o Vale do Amanhecer de Tia Nieva, depoimento de Jorge Amado — entre o que faz a cultura nacional.

Uma surpresa, se não pela originalidade, pela personalidade: Germaine Greer e



The São Francisco. Escritora (A Mulher Eunuco), feminista, com certa dose ora de serena indignação diante da pobreza, de genuína admiração diante do trópico (um gomo de jaca que se lhe escorrega por entre os dedos, por exemplo, ou o pedido de uma poção que faça o marido voltar "pois ele fugiu com outra"), Germaine Greer — durante 50 minutos em 83 para a BBC — conduz bela viagem em uma gaiola pelas águas do Rio São Francisco. São imagens com grande senso estético e aqui se tem verdadeira síntese dos problemas que formam esta mostra: às margens do São Francisco desfila a mortalidade infantil, o misticismo, as mudanças climáticas geradas pelas modificações no ecossistema.

Uma surpresa, afinal, pelo inusitado da situação. Com **Brazil: Cinema, Sex and the Generals**, Simon Hartog (Central TV/Inglaterra, 50 minutos, 1985) realiza um documentário sobre o cinema brasileiro. Com depoimentos do crítico José Carlos Avellar, cineastas Ana Carolina, Carlos Reinchebach e Carlos Alberto Prates Correia fazendo colocações seguras (e tranquilas) sobre a sobrevivência do cinema durante um regime adverso, este documento teve sua exibição proibida na Inglaterra duas horas antes de ir para o ar. Mas, como poderá ser comprovado nesta quinta-feira, a censura inglesa também tem razões... É absolutamente impossível descobrir porque **Cinema, Sex and The Generals** foi cassado. De provocante, e provocativo, só o título.

Ao apagarem-se as luzes da organização chegou um reforço francês. Assim, em boa hora foi retirada da mostra, por exemplo, o bobo **Kings For a Day**, visão australiana de 57 minutos do carnaval. Mas a festa continua em **Carnival in Rio** (de Per-Erick Borge, NRK/Noruega, 1983, 40 minutos). E, sem festa, denso, denunciatório, em co-produção com a Societé Radio Canadá o cineasta brasileiro Geraldo Sarno realizou em 1984 e 55 minutos, um contundente documentário: **A Terra Queima** sobre a seca nordestina — Um dos mais eficientes da mostra. No caso, Brasil assim com s mesmo.